

A Escrita da História Oriente Ocidente

Isabel Monteiro

FAZ-SE A CULTURA DUM POVO COM A SUA LÍNGUA, a sua literatura, os seus feitos mais heróicos. Faz-se a cultura dum povo rasgando todos os véus, respeitando todas as esquinas da memória, para que tudo faça sentido e se possibilite a *Escrita da História*.

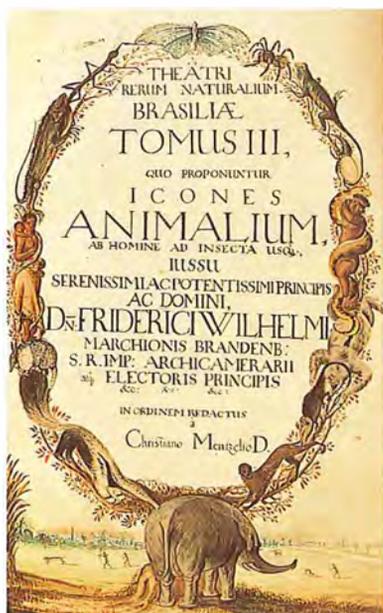
Pertence à cultura de um país os mecanismos que conduzem à concepção e difusão das descobertas científicas e de todas as formas de arte.

Pertence igualmente à cultura o que é profundo no social e mental das manifestações do espírito. Uma descoberta científica não é determinada apenas pelo local onde aconteceu, mas também pelo que já tinha sido descoberto no mesmo domínio. Na Índia, o fenómeno religioso andava ligado à medicina tradicional, da mesma forma que certas plantas, certos animais e minerais eram incorporados ou rejeitados na farmacopeia ou na gastronomia. Do encontro da cultura médica europeia do final de Seiscentos com as seculares artes de curar das Índias orientais, nasceram *Regimentos de Remédios* surpreendentes, por vezes, indecifráveis. E a percepção do paradoxo começará a abrir horizontes no caminho da ciência, apesar da vigilância da Inquisição e dos índices expurgatórios.

Pertence também à Cultura e à cultura desse país encontrar os mecanismos que conduzam à concepção e difusão das descobertas científicas e de todas as formas de arte, assim como à Cultura pertence o que é profundo no social e mental dos fenómenos culturais.

O Homem aventurara-se na descoberta da Natureza e do desconhecido e dava conta que a própria Natureza, em constante mudança, tinha uma história muito antiga.

Cartas de navegar traçaram rotas no mar sem memória e a geografia da terra encontrada encheu-se de nomes de cabos, angras, ilhas, promontórios e penínsulas. Os diários de bordo e os relatos dos viajantes, que mais tarde e em chão firme, contariam tempestades e naufrágios, plantas e



Albert Eckhout, *Theatri Rerum Naturalium Brasiliae*, vol. III (post. A 1636), Cracóvia, Biblioteca Jagiellonska (Libr. Pict. A 35).

animais surpreendentes, doenças novas e o modo de as curar, informam-nos da terra encontrada, dos usos e costumes dos seus habitantes, da determinação dos navegadores, do espanto e também do medo.

No século XVII, circulavam por toda a Europa, misturando o real e o fantástico, desenhos dos espécimes da flora e da fauna encontrados em terras e mares longínquos, ilustrando livros e histórias fabulosas contadas por viajantes e divulgadas por uma imprensa que visava satisfazer a imaginação e o gosto do público pelo exótico. Livros há que, não merecendo hoje a atenção dos historiadores da literatura, cativarão mais tarde os historiadores das ideias, porque são esses livros que melhor representam a opinião comum de uma determinada época¹.

A confusão estabelecida por esses relatos, onde amostras do Novo Mundo se misturavam com as do Oriente e África e a moda de colecionar tudo o que era estranho, levou os naturalistas a empreenderem a catalogação dos espécimes vegetais e animais de forma exaustiva. À semelhança dos cartógrafos da Terra, os naturalistas encontraram unidades auto-evidentes entre plantas e animais. A partir da segunda metade do século XVII – excluindo o homem que mantém a sua unicidade –, animais e plantas são catalogados, embora em espécies fixas e sem mutações, o que permitiu a elaboração de um catálogo de todo o mundo natural universalmente utilizável, feito com a preocupação de apresentar exaustivamente a realidade.

O “*Traité des Maladies Particulieres aux Pays Orientaux, et dans la Route*”, incluído na *Nouvelle Relation d’un Voyage faite aux Indes Orientales de Mr. Dellon, Docteur en Medicine et auteur de la Relation de Goa*, Amsterdão, 1694, é um exemplo desse mundo natural utilizável².

As nove edições, alemãs, holandesas e inglesas no século XVII, e mais sete em francês e três em inglês no século XVIII, com o título refundi-

do para *Voyages de M. Dellon, avec sa Relation de l’Inquisition de Goa* (1688), demonstram o interesse dos leitores por relatos de viagem e experiências de todo o tipo vividas na Viagem e no Oriente, nos quais a descrição das atrocidades praticadas pela Inquisição de Goa iria ocupar um lugar certo de atracção. Dellon (1649-1709?) passara de médico e relator de viagens a herói, agora símbolo do martírio e da resistência ao poder arbitrário do Santo Ofício.

Embarcara para o Oriente, por *curiosidade científica*, em 16 de Março de 1668, no barco La Force, que pertencia à Companhia das Índias. “*Sob o número 70, Dellon com 23 anos de idade, cirurgião francês, natural d’Aguede, Reino de França, assistente neste estado, solteiro, filho de Luís Dellon, era condenado pela Inquisição de Goa por herege, 5 anos para as galés de Portugal e para sempre do Estado da Índia*”³. Enviado para Portugal, para cumprir a pena, consegue o perdão, com a cumplicidade do médico de Maria Francisca Isabel de Sabóia, casada já então com D. Pedro II.

De regresso a França, Dellon dedica a sua obra, *Nouvelle Relation d’un Voyage aux Indes Orientales*, Amsterdão (1699), a Bossuet (1627-1704), ministro de Luís XIV e ideólogo do poder legítimo e absoluto dos reis, educado no respeito das leis. Bossuet, cujo pensamento sobre a justiça se situava na esfera do religioso, insurgia-se contra a guerra injusta, os conquistadores e toda a autoridade tirânica, porque contrárias à lei de Deus. Da Igreja, escrevia, deve esperar-se a defesa das viúvas, dos órfãos, a clemência e a imparcialidade dos seus julgamentos. A protecção do Bispo de Meaux poderia vir a ser necessária a Dellon, que afirmando-se católico convicto, fora arbitrariamente e injustamente condenado pela Inquisição de Goa.

No prefácio da *Nouvelle Relation...*, Amsterdão (1699), o autor diz ter tido conhecimento de um seu amigo, *Religioso* e também estrangeiro,

cujo nome esquecera, estar a apodrecer nos cárceres do Santo Ofício. Tal como o autor da *Relação*, muitos viajantes estrangeiros referem a inquisição e a censura como instituições causadoras do atraso intelectual em todo o mundo português. O crescimento não linear da leitura em Portugal, na segunda metade do século XVII e primeira do século XVIII, faz-se através de um público erudito que se revê nas críticas dos que nos visitam e também de um outro, ávido do fabuloso e exótico.

Com tradução e anotações de Miguel Francisco de Abreu, outra obra de Dellon, *Narração da Inquisição de Goa* (1688), veio a lume pela Imprensa Nacional no ano de 1866, em Nova Goa, “conquistando uma geração intelectual surgida na sequência das reformas liberais, tanto políticas como pedagógicas, em que irão revelar-se os pioneiros, não metropolitanos, do jornalismo, da literatura e da historiografia”⁴.

O “*Traité des Maladies particulières aux Pays Orientaux, et dans la Route, et de les Remedés*”, incluído na obra *Nouvelle Relation d’un Voyage faites aux Indes Orientales* (1694) de Charles Dellon antecipa, de certa forma, as viagens filosóficas do século XVIII. Escrito em língua francesa e editado em Amsterdão no ano de 1699, refere o olhar do europeu erudito, longe de outros olhares. O médico e cirurgião, que estudara anatomia e utilizava medicamentos químicos e compostos, num tempo em que isso não era comum, via-se confrontado com novas doenças e diferentes hábitos curativos na Rota, no Malabar e noutros países orientais. Mas é em Damão – ao tempo governado por Manuel Furtado de Mendonça – e em Goa, que a informação das doenças se cruza com o tratamento dos médicos gentílicos, os Panditas. “*Gente sem estudos*”, escreve Dellon, “*sem ciência e sem nenhuma luz de anatomia, que sem outro conhecimento que um certo número de receitas herdadas, aplicam sem inovações e sem atenção às diferenças de sexo e*

idade, ao temperamento do doente e à força da doença [...] Muito tímidos deixam morrer um doente por não ousarem ministrar um remédio que lhes mereça dúvidas”⁵.

Dellon tem consciência e orgulho da sua condição de médico e cirurgião que o habilita para o tratamento e profilaxia das doenças. Queixa-se, desculpando-se ou acusando, que “*a longa experiência que [os Panditas] têm da região faz com que tenham mais sucesso que os estrangeiros e que estes sejam obrigados em muitas ocasiões a seguir-lhes os métodos, se não querem correr o risco de insucesso*”.

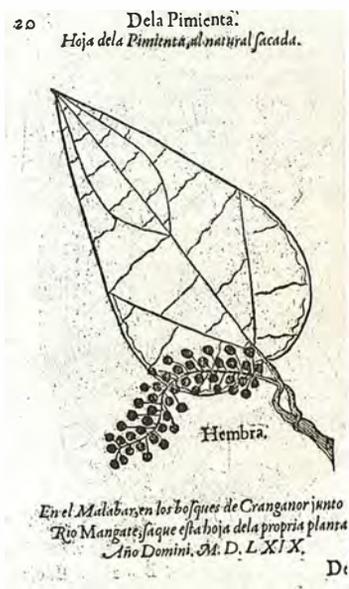
Na Índia, nos finais do século XVII, diz-nos com admiração, não davam a quem tinha febre, nem carne, nem ovos, nem caldo de carne ou peixe. Apenas água e, como alimento, “*Cangé[iz] aquecido*” cinco ou seis vezes por dia, colher a colher. Explica ao pormenor como se confecciona: meia libra de arroz, em quatro ou cinco pintos de água, que depois de bem cozido se coa por um pano fino de linho ou algodão.

Irónico, acrescenta: “*Ao ouvido vos digo que de vez em quando os Panditas acrescentam ao canjez, pimenta!*”

A sangria do pé, que Dellon informa ser prática corrente na Índia e nos países que visitou, merece a sua aprovação quando a compara à do braço. Ventosas, sanguessugas (quando não se pode sangrar o doente), lavagens com folhas de sene e tamarindo; purgantes de chicória, de rosas, de limão – são métodos que Dellon considera simples e de pouca eficácia, quando comparados aos remédios químicos usados pelos estrangeiros. Mas é o mau uso da pimenta no tratamento dos doentes que o indigna, sobretudo quando a vê utilizada como remédio para as urinas brancas em doentes com febre. “*Para lá da pimenta que misturam ao canjez, aplicam uma enorme quantidade sobre a cabeça do doente, para aquecer o cérebro, que eles dizem estar*

O tratamento com ventosas era um dos métodos que Dellon considerava simples e pouco eficaz. Lisboa, Biblioteca Nacional (reservados).





Planta da pimenta no *Tratado das Drogas e Medicinas das Índias Orientais...* de Cristóvão da Costa. Burgos, 1578.

arrefecido, prescrevendo as sangrias somente quando as urinas ficam coloridas. Raramente estes doentes escapam, a não ser que caiam nas mãos dum europeu⁶.

Aprova a queimadura que os Panditas fazem no pé do doente, na sua parte mais calosa, para tratamento do Mordechi (tipo de indigestão provocada por excesso de bebida e comida), porque viu os seus resultados. “Não duvido que muitas pessoas achem bizarra esta maneira de queimar os pés, e a desprezem por nada ter a ver com a doença. Também eu assim pensava quando cheguei à Índia, mas é de facto necessário submeter-se à experiência, e eu já a tentei comigo e com outros, sempre com sucesso, depois de ter tentado os meus métodos inutilmente⁷”. Pela leitura do *Traité des Maladies* verifica-se que Dellon menospreza os tratamentos dos médicos gentílicos, apesar de ter como curativas as suas plantas, ervas e essências. A primeira concessão de Dellon, em todo o texto, ao sucesso dos Panditas é a prática por eles utilizada no tratamento do *Mordechi*.

A diarreia, acompanhada com grandes dores de cabeça e vômitos, é outra das doenças comuns aos indianos e aos povos de todos lugares da Rota. Como Dellon verificou, os europeus são mais atreitos a esta doença pelo uso excessivo que fazem do vinho e da aguardente. “Do remédio também se morre”. Aos doentes que caem numa sonolência provocada pela veemência das dores, os Panditas dão-lhes várias doses de dez grãos de ópio por dia. No Malabar, um religioso que o médico francês tratava, com insucesso, de uma grande disenteria, pediu-lhe que chamasse um Pandita, que o fez tomar cinco ou seis dozes de ópio misturadas com jagre (açúcar mascavado de palmeira). O religioso morreu. *Do remédio também se morre...*

Os portugueses, quando têm disenteria, utilizam apenas o cangez, o arroz, o pão e a água que estiver tapada e, como remédios, tomam

apenas os adstringentes, rejeitando totalmente o ópio e a coalhada. Embora as precauções dos portugueses lhe pareçam sensatas, Dellon, *sem nos revelar o segredo*, informa que tem o único remédio que cura esta doença, e que lhe fora transmitido por uma pessoa que estivera nas Índias e que muitos favores lhe devia.

No capítulo VIII do *Tratado*, o médico francês refere uma doença “que os Portugueses chamam de *Esfalfados*”. Esfalfados eram aqueles que esgotaram as forças “no deboche com as mulheres, o que não é difícil num clima que pelos suores contínuos, acontece uma grande dissipação dos espíritos [...] Os Indianos que são mais moderados que os Portugueses são raramente atacados por esta incomodidade⁸”. Os sintomas são a grande secura, calor, insónia, alteração, pulso irregular, umas vezes forte e elevado, outras tão fraco que dificilmente se pode sentir. As urinas são vermelhas mas transparentes.

Compete ao *médico prudente* interrogar o doente sobre a sua conduta, fora dos olhares e ouvidos dos pais ou parentes, recomendando-lhe abstinência, boa comida de fácil digestão, carne com bom suco, caldo de pão, ovos frescos e vinho com água, mas nunca água, completam o tratamento.

Doenças conhecidas na Índia e na Europa distinguem-se nos seus tratamentos, indianos e europeus. É o caso da varicela, muito contagiosa lá e cá. Sangrias e lavagens das pústulas antes de estas rebentarem são tratamentos recomendados por Dellon. Os médicos gentílicos esperam que a natureza e o calor rebente e expulse o pus das pústulas. No Malabar, segundo o autor, os doentes são totalmente abandonados à sua sorte, expostos em sítios fora do caminho e do olhar dos outros. Perto da árvore onde estão acorrentados, colocam-lhes à mão um pouco de *cangez*.

Cobras verdes, cobras com veneno rápido e mortal. Antídotos estranhos como a pedra que

dizem encontrar-se na cabeça de outras cobras. Pedra que se coloca e depois se agarra à ferida aberta pela mordedura e aí permanece sem haver necessidade de a segurar, embebendo-se do veneno que a cobra depositou. *Pedra de cobra* que cai quando fica saturada e renova a sua força quando posta em leite. Pedras de cobra há poucas e nem sempre à mão. Quando tal acontece abre-se o local da mordedura e tira-se o sangue envenenado com uma ventosa. Para o tratamento da mordedura, além do uso regular de pó de víbora, é necessário uma dieta de alimentos fortes, regados com sumo de limão e um bom vinho para acompanhar. O sacrifício de um dedo, ou golpes profundos no sítio da mordedura são, segundo Dellon, procedimentos habituais na Índia.

O *Bicho* foi o nome dado pelos portugueses à doença provocada por um verme que se introduz nos pés e nas pernas, invisível a olho nu, que ataca aqueles que, descalços, lidam com imundícies ou trabalham descalços nas construções. É frequente entre os negros e raramente a doença atinge os europeus. O bicho, uma vez introduzido na pele, provoca graves lesões que só desaparecem quando se conseguem tirar esses vermes manualmente ou então matar com tabaco pulverizado. Outros sítios infectados pelo bicho devem ser lavados com uma decocção de limões a que se junta uns grãos de sal. Se persistir a infecção, aplicam-se panos finos de linho ou algodão embebidos numa mistura de *pó de pólvora* decantado em *água de rosas* e infusão de *tanchagem*, nos locais das queixas.

A *Essência da Pérsia* é um remédio *subtilíssimo* contra a epilepsia e a apoplexia, se tomado regularmente no Inverno. A profilaxia da doença faz-se com duas colheres por semana da essência, uma em jejum, outra à noite, misturadas com duas colheres de *Água de betónica*. Dellon, que recebera esta receita de um estrangeiro que conheceu em Bander-Abassy, na Pérsia, diz-nos



Plantas e frutos da Índia numa gravura do *Itinerarium...* de Jan Huygen van Linschoten. Amsterdão, 1595. Haia, Koninklijke Bibliotheek.

ainda ser de grande utilidade nos partos e na gravidez indesejada e nas febres de toda a sorte. Aplicada externamente, tem poderes cicatrizantes. Este *Tratado* termina com a descrição da *Essência Cefálica* que o autor também conheceu na Pérsia. Verdadeiramente eficaz nos vapores das mulheres, nos epiléticos e no caso de apoplexia, é útil também nas dores dos dentes quando aplicada localmente.

Dellon termina recomendando que “*Quem quiser utilizar estes dois remédios, encontra-os fielmente preparados no Apotecário do Rei, M. Ruvier, próximo de São Roque*” (Paris, 1699).

Dellon falou-nos da doença e da cura. Do corpo, que na intimidade do seu sofrimento, espera remédio. No século XVII e *ad seculorum*. Na Índia, na Europa, em todo o Mundo. É por isso, também, que o *Tratado* de Dellon vale. Porque nos fala do universal pelo particular. E, se a frequência da doença atinge os mais desfavorecidos (os Negros atacados pelo Bicho), igualmente os mais privilegiados, pelos seus excessos, são os mais sujeitos ao Mordechi e ao *esfalamento*, como era o caso dos portugueses. O médico francês relatou, ainda, nos primeiros capítulos do seu *Tratado*, as doenças da Viagem, os vômitos e o escorbuto ou *mal da terra*, preconizando tratamentos e conselhos ainda hoje actualizados.

Baseado na sua própria experiência e no seu saber, aponta as causas da doença: ar seco e abrasador, alimentos excessivamente salgados, nostalgia dos embarcados, sede terrível, falta de higiene. Pela sua observação, os menos atingidos pelo escorbuto são os capitães e oficiais de bordo porque se alimentavam melhor. Alerta os comandantes para os cuidados a ter no apetrechamento dos navios e na higiene dos marinheiros e embarcações, que deveriam ser “lavadas com água salgada e esfregadas com vinagre bem forte”. Dellon, face à miséria do corpo atingido pelo escorbuto, regista em muitos passos da sua obra, sem retoques de linguagem, a doença e os seus estragos na intimidade do corpo, ficando a dor ausente da escrita: “se o mal é muito e inveterado aplicam eles próprios um longo ferro incandescente que lhes chega aos pés, com o qual fazem uma grande e profunda escara [...] e deixam supurar as feridas trinta a quarenta dias”⁵¹.

À experiência e práticas seculares dos médicos gentílicos contrapõe o médico francês seicentista, medicamentos químicos, dietas “científicas” e sangrias.

“Desde tempos imemoriais”, refere Maria de Jesus dos Mártires Lopes, “os indianos tinham a ideia que os alimentos influam nas faculdades intelectuais e morais; assim se justificava o facto de a alimentação variar de casta para casta, de acordo com os mesteres, cometidos a cada uma delas, como se encontra codificado nos puranna”¹⁰.

Dellon, estrangeiro num país distante que subvaloriza, ignora estas distinções, quando nos informa de saberes milenares e da dieta alimentar indiana. Mas “a prática médica indígena tinha os seus próprios remédios (preparados à base de ervas locais) formas de tratamento, dietas e recorria a certos rituais de magia e superstição. Esta sabedoria não adquirida em escolas de medicina mas transmitida de geração em geração, fora acumulada ao longo das gerações. Os vaidyas, profissionais hindus praticando a medicina ayurvédica, transmitiam os seus conhecimentos num livro secreto a seus filhos que o guardavam religiosamente”¹¹, continua a esclarecer-nos Maria de Jesus dos Mártires Lopes.

O desejo de curar com produtos novos da Índia Oriental, da América e de África, conhecidos e experimentados por médicos e curiosos, conduziu à elaboração de *Tratados e Regimentos de remédios*, feitos pelo bem comum, nos inícios do século XVIII. As virtudes de cada uma das espécies, o modo como se devem usar, os efeitos diferentes em climas diferentes e o perigo da falta de vigor perdido na viagem, são comentados ao pormenor. Falam-nos de raízes, paus, pedras, essências, sementes e frutos desconhecidos. Do modo como podem ser usados: moídos ou roçados, misturados com o sumo de limão galego, com água de arroz ou água de rosas, ou outros diluentes; se mantêm as suas qualidades em climas temperados; se perdem ou não as suas propriedades na viagem.

Numa sistematização digna de nota adopta-se o diferente e incorporam-se referentes múltiplos vindos do conhecimento antigo e do novo.

Espanhol “destilando a sífilis” num banho a vapor. Gravura do século XVII. Colecção particular. Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.



A *Memória de Varios Simples que da Índia Oriental, da América, e de outras partes do Mundo vem ao nosso Reino par remédio de muitas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada hu, e o modo como se devem usar...*, impresso em 1727 por Galvão, em Lisboa, da autoria de João Curvo Semedo¹², que considera esses produtos exóticos de singulares virtudes, é elucidativo do contributos da medicina indiana e árabe em Portugal: “A experiência dos Mouros e gentios da Ásia foi a mestra que deu o conhecimento para o uso de tais remédios”.

Igualmente, as listagens das remessas para Portugal de produtos da Índia, feitas pelo Cirurgião-mor de Goa, quase um século depois, revelam a permanência de produtos asiáticos e africanos nas artes de curar¹³. Treze meses passados no mar exigiam um acondicionamento cuidadoso dos produtos, para que não perdessem as qualidades terapêuticas. Curvo Semedo informa que “*todos os simples conservam as virtudes com que Deus os criou enquanto no corpo de tais simples não entre corrupção* [e que] *os bezoátricos [antídotos] conservavam-se activos por mais de trinta anos*”.

Chegados a Portugal, alguns são manipulados no Convento da Arrábida¹⁴, e retornam às nossas conquistas.

É todo um desfilar de pedras com nomes estranhos, como aquela “*que nasce nos buchos de alguns animais muy semelhante aos cabritinhos e que se chama Pedra Bazar; a verde como limos do rio, ou amarela como o enxofre, que é a Pedra de Cananor*”, muito eficaz nas doenças do fígado; a *Pedra Safira* com a virtude de abrir os olhos nos doentes com bexigas, antrazes e carbúnculo; a *Pedra de Cobra de Diu*, que é uma *pedra artificial* que só algumas famílias detêm o segredo e que se emprega como antídoto na mordedura de cobras peçonhentas (Dellon tinha-a considerado natural).

As informações sobre produtos de África aparecem também na *Memória dos Simples* do médico português, como é o caso dos *Dentes de Engala*, que provêm de animais corpulentos, semelhantes ao porco, com dentes de javali, que depois de moídos se empregam no tratamento de feridas infectadas, de abscessos e bexigas. Alguns feitiços merecem a atenção de Curvo Semedo, que parece acreditar nos seus poderes e assim aconselha o *Dente de Peixe de Mulher Virgem* porque estanca o sangue da boca, quando colocado sobre o peito, e de todos os fluxos baixos, quando posto pela parte de baixo.

O *Regimento* termina com esta chamada de atenção: “*Tudo o referido neste Papel se vende em casa do Reverendo Ignácio Curvo Semmedo, filho do Doutor João Curvo Semmedo em Lisboa*”.

Autores menores relatam, nas suas obras, coisas singulares, feitiçarias, doenças estranhas que atribuem a bruxedos.

A *Arvore da Vida*, *Tesouro descoberto da arvore fim a ã da que se fez a Cruz da Redempção e feitos experimentados por Francisco Buytrago, Sargento-mor, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, a espaçar mais de vinte anos naquele reino* [Angola e Reino do Congo], *manuscrito em Lisboa Ocidental no anno de 1731*, anuncia logo na folha de rosto a receita para livrar aqueles que queiram, dos malefícios do demónio, também servindo para vida e saúde dos enfeitiçados e dos que têm pacto com o Demónio. Segue-se-lhe uma “*relação de muitos e singulares remédios par muitos achaques, provado tudo com muitas experiências prodigiosas como é publico e se verá no Seg.º Tratado*”.

Dedicado à “*Virgem puríssima Nossa Senhora*” e com uma “*Dedicatória à Virgem Maria Santíssima da Conceição*”, a *Arvore da Vida*, de que o autor irá falar, seria a mesma da do princípio do Mundo, com as mesmas características,



“Estas cobras capelo que há na Índia são muito peçonhentas; a pessoa que morde logo morre. Cobras da Índia de duas cabeças não fazem mal.” Fólio 91 do códice anónimo português, Ms. 1889, de meados do século XVI. Roma, Biblioteca Casanatense.

encontrada por Buytrago em Angola e no reino do Congo “e experimentada nos maleciados energumenos”.

Numa *Advertência ao leitor*, esclarece que tudo o que relata é fruto da sua experiência, e que aqueles que nada viram não podem zombar do seu trabalho de tantos anos. Esta obra manuscrita apresenta-se dividida em dois livros. O primeiro “Da casca da vida”, o segundo “Das couzas mais singulares que ha nos Reinos de Angola, que se enumeram: do pau Cobra ou suas raízes e as suas enormes propriedades nas febres e outras couzas singulares; do Pau de Musunda, óptimo contra veneno; do pau de Angariaria e caroços dele que cura os calos e serve para os esquentamentos, de tão grande virtude se os bichos venenosos ou cobras o tocarem morrerão; da Raiz de Muquun-que que serve para uma infinidade de coisas; do segredo do sumo de alecrim e do de muitas mais plantas, raízes e pedras”. No fim deste tratado, Francisco de Buytrago explica pormenorizadamente como se fazem os Cordeaes e Ajudas.

No final, uma nota: “Para quem estiver interessado as receitas vendem-se na minha casa”, informa Buytrago.

Da Ásia que “aos poucos se ia perdendo”¹⁵ continuavam a chegar, nos séculos XVII e XVIII,

produtos exóticos. A relação do Cirurgião-mor, que acompanhava os barcos que fazem a carreira da Índia, como já foi referido, regista no longo rol de produtos asiáticos e africanos, plantas, raízes, pedras, animais, que receitas milenares transformarão em remédios milagrosos em Portugal.

Realidade e ficção misturam-se nos *Tratados de Medicina* portugueses da época, onde o sobrenatural e *coisas de segredo* os fazem objecto de leitura folhetinesca. Viajantes e curiosos, marinheiros e soldados das *nossas conquistas*, foram também eles portadores nos seus relatos, dum mundo em tudo diferente e desconhecido, que cruzou informações com outros saberes.

E é com esta simbiose do real e do fantástico, do vivido e do sonhado que um povo vai revelando a sua cultura.

Planta do tabaco. Pulverizado, servia para curar doenças de pele.



¹ C. f. João Luís Lisboa, *Ler nos finais do Antigo Regime*, Centro da História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, I.N.I.C., 1991, p. 35.

² Charles Dellon (1699), Res 6197 P, Reservados, B. N.

³ Castelo-Branco Chaves, *Portugal nos séculos XVII e XVIII - Quatro Testemunhos*, Lisóptima Edições, 1989, nota 1, p. 15.

⁴ Miguel Francisco de Abreu, (trad. e anotações) do texto original de Dellon, 1866. Texto atualizado, *Narração da Inquisição de Goa*, Prefácio, Ed. Antígona, 1992.

⁵ Dellon, *op. cit.*, p. 294.

⁶ Dellon, *op. cit.*, p. 299.

⁷ Dellon, *op. cit.*, p. 301.

⁸ Dellon, *op. cit.*, p. 307.

⁹ Dellon, *op. cit.*, p. 285.

¹⁰ Maria de Jesus dos Mártires Lopes, *Goa Setecentista: Tradição e Modernidade (1750-1800)*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica, 1996, p. 318.

¹¹ Idem, *op. cit.*, p. 325.

¹² *Memoria de varios Simples que da Índia Oriental, da América, e de outras partes do Mundo vem ao nosso Reino...*, do médico João Curvo Semedo, Impresso por Galvão em 1727, Res 2277, Reservados, B. N.

¹³ Remessa do Cirurgião-mor do estado da Índia, remetido de Goa em 15 de Abril de 1800 e recebida em 19 de Janeiro de 1801, EG. 0892, Reservados, B. N.

¹⁴ A indicação do Convento da Arrábida encontra-se, manuscrita em tinta, à margem do texto, na folha de rosto da *Memória...* de Curvo Semedo.

¹⁵ Expressão usada pelos cristãos-novos, na “Relação d’hua Suplca que fez da Gente da Nação-pergunta e resposta d’ella” dirigida a D. Pedro II, em 1667, pedindo-lhe que criasse uma Companhia das Índias, entregue aos cristãos-novos, semelhante à do Brasil, Cod.10851, Reservados, B. N.